

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

GEOGRAFIA E GÊNERO / GEOGRAFIA FEMINISTA - O QUE É ISTO?

Susana Maria Veleda Da Silva

Boletim Gaúcho de Geografia, 23: 105 - 110, março, 1998.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - março, 1998

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

GEOGRAFIA E GÊNERO/GEOGRAFIA FEMINISTA O QUE É ISTO?

*Susana Maria Veleda da Silva **

O título é provocativo. A intenção é contribuir com o debate geográfico teórico e metodologicamente no sentido de trazer novas – em alguns lugares não tão novas¹ – possibilidades que nos permitam refletir e transformar (para melhor, é claro) o mundo em que vivemos.

É importante esclarecer que entendo a Geografia como uma ciência social cujo objeto é o espaço geográfico, portanto acredito que não existam diferentes geografias – Geografia física, econômica, da população, de gênero. Mas considero que o conhecimento da totalidade deste espaço geográfico² passa pela apreensão de uma realidade que se modifica constantemente e para conhecê-la precisamos fazer recortes. Os adjetivos colados à Geografia não são “adjetivações” que estudam partes da realidade e se esvaziam em abstrações. Eles são entendidos aqui, segundo SAUSSURE (CITADO POR BOURDIEU, 1994), como pontos de vista, recortes desta realidade que nos permitem uma maior compreensão do todo. Dessa forma, a Geografia de gênero e/ou feminista é mais um enfoque, que não deve perder as outras mediações.

Como diz Milton Santos “*O mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma dada disciplina*” (1996:17). Nesse mesmo sentido percebo que a interdisciplinaridade também só é possível quando compartilhamos pontos de vista. Ou seja, a interdisciplinaridade passa por uma epistemologia compartilhada entre os estudiosos que podem assim entender a realidade sob o enfoque de seu objeto de estudo (de seu recorte) mas também dialogar com estudiosos que compartilham formas de conhecimento e de entendimento do mundo.

Ora, mas e daí, onde eu quero chegar? O que pretendo é justamente mostrar que é possível iluminar a teoria geográfica com matizes feministas.

¹ Os primeiros trabalhos que tratam desta temática surgiram na Geografia norte-americana e anglo-saxônica, no final da década de setenta, e em oitenta na Espanha, segundo Documents d'Análise Geográfica, n. 14. Depto. de Geografia, Universidad Autònoma de Barcelona, Bellaterra/Espanha, 1982.

² Espaço banal, segundo Milton Santos (1996).

E assim entro numa seara que infelizmente ainda causa desassossegos na sociedade e no mundo acadêmico. Apesar dos movimentos feministas já estarem “fazendo barulho” há mais de três décadas no mundo ocidental, a palavra feminista ainda assusta. E cito SUSAN HANSON (geógrafa norte-americana) para percebermos que esse medo não ocorre só aqui:

O medo do feminismo é similar ao medo dos extraterrestres, tendo ambos suas raízes no temor ao desconhecido, na ansiedade em torno da mudança. Porque, com efeito, o feminismo nos fala, sem dúvida alguma, em mudança. (MARTÍNEZ, 1995:13)

Proponho-me, neste artigo, mostrar o que entendo por Geografia de Gênero e/ou Feminista.

Antes de tudo, saliento que mais do que esgotar questões, pretendo compartilhar meus estudos e levantar novas possibilidades de pensar geograficamente o mundo. O artigo está estruturado em quatro momentos: a) uma breve consideração sobre o feminismo; b) o conceito de gênero; c) a Geografia sob o prisma do feminismo e d) gênero e estudos do cotidiano na Geografia.

FEMINISMO

Os movimentos feministas ressurgem com força no mundo ocidental desenvolvido nos anos sessenta e setenta, junto com o florescimento de uma cultura contestatória, favorável à mobilização social de grupos até então marginalizados ou oprimidos. Mudanças sócio-econômicas também favorecem a mobilização das mulheres, tais como a progressiva entrada de mulheres no mercado de trabalho e um avanço dos níveis de educação feminina, aliadas a mudanças demográficas como a crescente diminuição da taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida das mulheres, reduzindo a proporção de seu ciclo de vida dedicado aos cuidados com a prole. É claro que estes movimentos ocorreram em períodos e intensidades diferentes tanto no mundo desenvolvido como nos países da América Latina. O fato é que ampliaram-se e, de reivindicações mais pontuais, passaram a questionar a própria cultura ocidental, incluindo desde o relacionamento privado homem-mulher até a própria ciência considerada comprometida com a visão masculina do mundo.

O feminismo “procurou articular modos de resistência ao questionamento de “verdades” estabelecidas que permeiam a produção e a reprodução das relações entre homens e mulheres, de forma hierárquica e desigual” (MEYER, 1996:41). Neste sentido, a participação das mulheres nos movimentos feministas mostrou que as relações de gênero conduziam a relações não igualitárias em casa, no trabalho e na comunidade.

Na academia, essa participação possibilitou uma reflexão mais abrangente. As feministas passam para uma crítica radical da cultura. Questionam a Episte-

mologia e a ciência e propõem novas abordagens teóricas e metodológicas (HOLLANDA, 1994). Segundo SANDRA HARDING (1993) a ciência tem sido distorcida pela visão masculina não só nas teorias, nos conceitos e nos métodos de investigação como na elaboração da problemática e na interpretação dos resultados.

O feminismo, independente de seus matizes teóricos, é um projeto político comprometido com a mudança social orientado para conseguir a igualdade humana. E, nesse sentido, explicita as desigualdades de gênero, mostrando como as relações sociais são também atravessadas por relações desiguais entre homens e mulheres que contribuem para a subordinação destas, na sociedade.

CONCEITO DE GÊNERO

O conceito de gênero faz referência a todas as diferenças entre homens e mulheres que foram construídas social e culturalmente e que condicionam relações de subordinação/dominação. Segundo definição de JOAN SCOTT, gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos, e, gênero é a maneira primordial de significar relações de poder” (1990:14).

Isso significa que o conceito de gênero é relacional.

O caráter relacional diz respeito às relações de dominação e opressão que transformam as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais ou exclusão. Isto significa que todo o indivíduo é sexuado e que é nessa condição irredutível que virá a situar-se no mundo, ter oportunidades, escolhas, trajetórias, vivências, lugares, interesses. (LAVINAS, 1997:16)

MARGARET MEAD (1972) já demonstrou que as características ditas “femininas” ou “masculinas” são construções que variam em diferentes sociedades. Nesse sentido, homem e mulher sofrem com os papéis que lhe são imputados (BOURDIEU, 1995) a diferença do sofrimento é que ainda são as mulheres as subordinadas. Mas os homens, segundo BOURDIEU, são prisioneiros e vítimas da representação dominante, “ainda que essa esteja perfeitamente de acordo com seus interesses” (1995:157).

GEOGRAFIA FEMINISTA/GEOGRAFIA E GÊNERO

A Geografia de gênero não é “Geografia das ou de mulheres”, pois assim pareceria que só estudaríamos a metade da humanidade e que somente as mulheres poderiam fazer uma Geografia feminista.

Alguns autores fazem uma distinção explícita entre Geografia Feminista e Geografia de Gênero, considerando a primeira como aquela que busca uma transformação não só da Geografia, mas também da forma como vivemos e trabalhamos

e a Geografia de Gênero trata o gênero como uma dimensão da vida social que deve ser incorporada nas estruturas existentes (BONDI, 1990).

Considero que a Geografia dita feminista é aquela que incorpora as contribuições teóricas do feminismo à explicação e interpretação dos fatos geográficos e o gênero é um dos resultados dessas contribuições, ou seja, uma categoria útil de análise geográfica.³

Trata-se, então, de explicitar as desigualdades. A Geografia, de uma maneira geral, tem considerado a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo. Entendo que o estudo da população, por exemplo, ainda é uma abstração – mesmo considerando as classes que a compõem –⁴ se não considerarmos que esta é composta por pessoas que situam-se também na sociedade quanto ao gênero.

Entendido que o espaço não é neutro do ponto de vista do gênero, torna-se necessário incorporar as diferenças sociais entre mulheres e homens e as diferenças territoriais nas relações de gênero.

Segundo MARTÍNEZ (1995), existem, em linhas gerais, três grandes áreas na Geografia onde é fundamental o enfoque de gênero. São elas:

- “1) *as relações existentes entre gênero e conceitos chaves na Geografia como são o espaço, o lugar e a natureza;*
 - *o espaço enquanto construção social e de gênero,*
 - *o conceito de lugar e a importância que em sua definição introduzem as diferenças de gênero,*
 - *a relação entre gênero e natureza (o meio ambiente em seu sentido amplo);*
- 2) *as diferenças territoriais nos papéis e relações de gênero;*
- 3) *o uso e experiência diferenciais do espaço entre homens e mulheres, em distintas escalas: desde a escala local (utilização do espaço cotidiano, por exemplo) a global (movimentos migratórios transnacionais)”* (1995:18).

Ainda segundo as autoras, a Geografia feminista ou de gênero “*têm como objetivo fundamental completar a parcialidade dos enfoques tradicionais*” (MARTÍNEZ, 1995:19). Para tanto, a interação entre gênero, diferenças territoriais e nível sócio-econômico é fundamental.

Mas por que completar a parcialidade dos enfoques tradicionais? Porque a ciência é androcêntrica, isto é, tem sido parcial desde os seus primórdios, uma vez que desconsiderou a mulher e as relações de gênero. Por isso os primeiros enfoques feministas buscavam a visibilidade da mulher, privilegiando estudos sobre

³ Parafraseando Joan Scott (1990).

⁴ Karl Marx (1867). Para a Crítica da Economia Política. In: Os Pensadores, Abril Cultural, SP, 1985, p.116.

mulheres como forma de conhecer a outra metade da humanidade. Talvez em alguns lugares e em alguns momentos esse enfoque ainda seja necessário. Mas penso que a ciência caminha no sentido de explicitar os valores ocultos que estão contidos na escolha de um objeto (MANNHEIM, 1950). E, nesse caminho, não quero privilegiar o gênero feminino tanto quanto não quero teorias patriarcais que ocultam o valor dado ao gênero masculino na ciência social.

ESTUDOS DO COTIDIANO E RELAÇÕES DE GÊNERO

Gostaria de privilegiar aqui os estudos do cotidiano como forma de dar visibilidade às relações de gênero. Segundo MILTON SANTOS (1996b) é no cotidiano que o espaço banal⁵ pode ser apreendido com toda sua plenitude, pois aí podemos trabalhar com as três dimensões do homem: a corporeidade, a individualidade e a socialidade.

Considerando que o gênero “*é uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo*” (LAVINAS, 1997:16) entendo que estas dimensões do homem são permeadas também por relações de gênero que atravessando o conjunto da sociedade e articulando-se com outras relações sociais, tais como classe e etnia, constroem diferentes espaços geográficos.

No estudo do cotidiano podemos explicitar as desigualdades sócio-econômicas e espaciais entre mulheres e homens e mostrar que as possibilidades de cada indivíduo além de depender “*das oportunidades oferecidas pelos lugares*” (SANTOS, 1996:271) ainda dependem das relações de gênero.

É no cotidiano que podemos captar as emoções e elaborar novos programas éticos (GIDDENS, 1993). Pois, paradoxalmente, as práticas cotidianas tanto reforçam hábitos (MESQUITA, 1995) que podem manter as desigualdades de gênero como também permitem a sua transcendência e, quiçá, permitam sua superação.

Mas muitos caminhos de pesquisa se abrem, no meu entender, sob a perspectiva teórica feminista.⁶ Cito, por exemplo, algumas abordagens de investigação: organização da vida cotidiana em áreas rurais e urbanas; o mercado de trabalho segundo o gênero e a localização espacial das indústrias e dos serviços (creches, escolas, transportes, etc.); a utilização do espaço (público e/ou privado) segundo o gênero; o trabalho doméstico e o número crescente de mulheres que sustentam economicamente a família; a queda da taxa da fecundidade e os direitos reprodutivos.

Para finalizar, saliento que as contribuições teóricas feministas não se restringem a categoria gênero. A epistemologia feminista ao criticar a dicotomia natu-

⁵ Espaço banal é o espaço geográfico que “*reúne numa mesma lógica interna todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas*” (Santos, 1996: 272/273).

⁶ Ver artigos de Tania M. K. Rosing e Aalije Van Der Shaaf no Boletim Gaúcho de Geografia, N. 21, 1996.

reza/cultura aproxima-se da Geografia e amplia esta crítica para a relação mulher/natureza e homem/cultura. Portanto muito ainda temos que apreender desta contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDI, L. "Progress in Geography and gender: feminism and difference". PROGRESS IN HUMAN GEOGRAPHY. 1990, nº 14.
- BOURDIEU, Pierre. *El Ofício de Sociólogo*. Madrid: Siglo XXI, 1994, 3ª ed.
- _____. "A Dominação Masculina". EDUCAÇÃO E REALIDADE. Porto Alegre: jul/dez 1995, Vol. 20, nº 2.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- HARDING, Sandra. "A instabilidade das categorias analíticas na Teoria Feminista". REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1993, vol. 1, nº 1.
- HOLLANDA, Heloisa B. (org.). *Tendências e Impasses – O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAVINAS, Lena. "Gênero, Cidadania e Adolescência". In: MADEIRA, Felícia (org.). *Quem Mandou nascer mulher*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Porto Alegre: Globo, 1950.
- MARTÍNEZ, Ana S., MOYA, Juana R. e MUÑOZ, M. *Mujeres, Espacio y Sociedad – Hacia una Geografía del Género*. Madrid: Síntesis, 1995.
- MEAD, Margeret. *Sexo y Temperamento*. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- MESQUITA, Zilá. "Cotidiano ou Quotidiano?". In: *Territórios do Cotidiano – Uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Ed. da Universidade/UFRGS e Ed. da Universidade de Santa Cruz/UNISC, 1995.
- MEYER, Dagmar E. "Do Poder ao Gênero: Uma articulação teórico analítica". In: *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço – Técnica e Tempo/Razão e Emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- _____. "Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência". BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA. Passo Fundo: AGB-PA/EDIUPF, 1996, nº 21.
- SCOTT, Joan. "Gênero – uma categoria útil de análise histórica". EDUCAÇÃO E REALIDADE. Porto Alegre: jul/dez 1990, vol. 18, nº 2.

* Professora de Geografia no Depto. de Geociências – Fundação Universidade do Rio Grande. Mestranda de Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.